

Osnir, Selma e Gustavo

Ontem à tarde peguei um Uber e o motorista era o Gustavo, um rapaz que eu vi crescer, lá da Vila Industrial. O pai dele, Osnir, era eletricitista da Rendel, uma metalúrgica que já fechou. Trabalhou lá desde oitenta e seis. Excelente profissional. A Rendel aproveitou ele o quanto pôde. Tinha orgulho de resolver problemas pela fábrica inteira, então não tinha domingo, feriado... Osnir foi a primeira pessoa que eu conheci que teve telefone celular – a empresa que deu. Mas não ligava para ninguém, só recebia. E sempre era a empresa chamando.

Mesmo assim, o Osnir nunca recebeu o cargo de líder, e o salário era só o que o dissídio obrigava a pagar. Às vezes diziam que era porque ele só tinha o curso técnico. Ele ficava chateado, claro. Que horas que ele ia fazer qualquer curso, se tantas vezes tinha que ficar na fábrica até nove, dez da noite? Além disso, pensava já saber tudo o que precisava para o serviço.

Mas vai ver ele não sabia tudo, porque um dia sofreu um acidente feio. Levou um choque quando estava em cima de uma escada e voou uns três metros, para trás e para o chão. A Selma, esposa do Osnir, ficou muito revoltada. Alguém do sindicato falou para ela que a empresa não seguia as normas de segurança. Só depois de um ano o Osnir voltou para o trabalho, mas as mãos estavam menos firmes, as costas doíam. A empresa o manteve por ali, mas o gerente já não sorria mais para ele. Se antes já não lhe davam promoção, agora seria impossível. Quando foi mandado embora, já não tinha mais gosto nenhum em ir para a fábrica. Pelo menos aposentou. Por um tempo depois de aposentar o Osnir ainda tentou fazer uns serviços como eletricitista. Levava o filho para fazer os serviços que ele não conseguia, pensando também que assim lhe ensinava o ofício. Mas o dinheiro era pouco e Gustavo desanimou.

A Selma tinha o Magistério, mas quando eu a conheci já não dava aula. Cuidava da casa, do Gustavo, da mãe do Osnir e cozinhava para fora. Por algum tempo foi ela quem fornecia os croquetes para o bar São Luís, perto do campo de futebol. Quando o Osnir parou de receber hora extra, ela fez de tripas coração para a casa não afundar no cheque especial. Continua no mesmo ritmo, até hoje. Com o Osnir parado, é mais um em casa para ela cuidar.

O Gustavo, pelo que me falou, quer ser diferente do pai. Diz que não vai se humilhar sendo CLT, gastando a vida para continuar pobre. Vai empreender. Por enquanto está de motorista, mas me disse que está fazendo um curso para investir em sites de aposta. Falou que com um bom capital e a estratégia certa tem muito menos risco. O dono do curso já ficou milionário.

Só está esperando chegar o dinheiro de um processo antigo do pai.

Fernando de Brito Garcia

Analista Judiciário